

Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas*

Sílvio Gallo

Resumo

Nos últimos anos, a problemática da globalização foi bastante estudada, em seus mais diversos aspectos. O propósito deste artigo é abordá-la no âmbito da política e da epistemologia, mostrando que é um fenômeno que está longe de ser recente. No aspecto político, vale-se dos conceitos de Capitalismo Mundial Integrado, de Félix Guattari, e de Império, criado por Antonio Negri. No aspecto epistemológico, utiliza-se das análises do universo da informática e seus impactos sociais feitas, em diferentes direções, por Paul Virilio e por Pierre Lévy, além dos conceitos de rizoma e de transversalidade, trabalhados por Deleuze e Guattari. Finalizando, aborda as implicações das questões políticas e epistemológicas da globalização para o universo da educação, no qual nos deparamos com a perspectiva de uma totalitarização sem precedentes, através do uso dos recursos tecnológicos e dos fluxos transnacionais, ou então de uma efetiva democratização, com a promoção de revoluções moleculares que façam uso destes mesmos fluxos e recursos tecnológicos.

Unitermos: globalização; educação; informatização; política; epistemologia.

* Este texto foi escrito originariamente em 1996 e, por uma série de razões, acabou não sendo publicado. Opto por trazê-lo a público nesse momento em sua forma original, sem incorporar questões posteriores e bibliografia posterior.

Los Angeles, 2016. Em primeiro plano, carros sobrevoam a metrópole fortemente iluminada. Imensos arranha-céus erguem-se imponentes; em suas fachadas, anúncios luminosos da Coca-Cola com modelos japonesas. Nas ruas, multidões de transeuntes. São brancos, negros, orientais... O cenário mistura o ultramoderno e o

arcaico, a ocidentalização e as tradições orientais convivendo em permanente conflito. A língua. Uma mistura de japonês, alemão, espanhol, inglês e sabe-se lá o que mais...

Esse é o cenário que Ridley Scott desenha para o desenrolar das ações de *Blade Runner*, filme de 1982. Inevitável não vermos no mundo mostrado pelo diretor norte-americano a realização do processo de globalização em curso. Um mundo de extrema violência, corrupção, mercantilização – os recorrentes *outdoors* eletrônicos nas fachadas dos edifícios. Um mundo periférico, com as cidades em crise, como imensos subúrbios e guetos; um mundo de excluídos (Deckard, o protagonista, é forçado a voltar para a polícia, pois se você não é policial, é “qualquer um”).

A fantástica antevisão do diretor exposta neste filme pode funcionar como um alerta: é esse o mundo que queremos? Se não é, temos como construir outro(s) futuro(s)? Pode a educação ser um elemento nesse processo? Procurarei neste artigo levantar algumas questões e ensaiar algumas linhas possíveis de raciocínio sobre a cultura e a educação no panorama do processo de globalização que vivemos.

1. Globalização como política

Os estudos sobre o fenômeno da globalização normalmente atêm-se a ele como um fato econômico: trata-se da mundialização do mercado. Por trás do fator econômico, porém, aparece a questão política. O que significa o inter-relacionamento dos blocos econômicos? A queda de fronteiras alfandegárias ou pelo menos a formalização de acordos que apontem formalmente para isso significa a queda das fronteiras entre as nações? Como fica a soberania dos Estados?

Embora o impacto midiático da globalização seja a tônica no momento, ela não pode ser encarada como um fenômeno recente. De modo geral, tem-se colocado a queda da URSS e dos países socialistas do leste europeu (simbolizada pelo ícone da queda do Muro de Berlim) como o marco inicial de uma *nova ordem mundial*, na qual o capitalismo daria as cartas. Entretanto, elementos podem ser apontados que situariam sua emergência muito antes destes fatos políticos que marcaram o final do século vinte. Félix Guattari cunhou, ainda no final dos anos setenta, a expressão CMI: Capitalismo Mundial Integrado, para designar a face atual deste sistema econômico.

Em outras obras, o intelectual francês já havia desenvolvido extensa análise filosófica, política e social do capitalismo, notadamente em *O Anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia*, escrito em

○
GALLO, Sílvio.
Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru, v. 24, n. 1, p. 91-108, 2003.

★
GALLO, Sílvia.
Globalização, conheci-
mento e educação:
questões políticas e epis-
temológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003..

parceria com Gilles Deleuze. Nesta obra, mostram que a essência do capitalismo é sua dinâmica: este sistema é marcado por uma mutabilidade e adaptabilidade sem precedentes, isto é, o capitalismo caracteriza-se por metamorfosear-se ao longo do tempo, adaptando-se às novas condições. Se Marx mostrou que um modo de produção só pode ser superado quando se esgotam suas possibilidades, Guattari e Deleuze mostram que o capitalismo é surpreendentemente capaz de sempre alargar seu horizonte de possibilidades; sempre que ele parece estar se aproximando de seu ponto limite, reestrutura-se de acordo com as novas condições, ganhando novo fôlego. Historicamente, assistimos a uma sucessão de “capitalismos”: o mercantilista, o industrial, o financeiro...

Hoje, o capitalismo leva a cabo seu ideal de universalização. Para Guattari, já antes da queda dos países socialistas vivíamos sob a égide de uma mercado capitalístico, pois os países que passaram por uma expropriação dos meios de produção, buscando uma nova forma de produzir, não conseguiram criar uma nova forma de *fazer circular as mercadorias*, continuando a fazer parte de um processo de circulação do capital enquanto mercadoria.

Deste modo, há apenas um único mercado, e de cunho capitalista:

O capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle.¹

O que quero demonstrar aqui, seguindo os passos de Guattari, é que há tempos que o capital acha-se *globalizado*. Se ainda nos anos sessenta McLuhan já falava numa “aldeia global” em relação às comunicações, é certo que a segunda metade do século vinte foi marcada também pela emergência de um “mercado global”. O que sentimos hoje com intensidade cada vez maior são os efeitos desta globalização do mercado, assim como os ajustes que são necessários para seu bom funcionamento. A globalização da qual se fala hoje é muito mais *cultural*, no sentido de que novas relações, novas situações, novos panoramas são possíveis com a mundialização, pois “hoje vemos as mesmas imagens na TV, compramos os mesmos carros, lemos os mesmos artigos – em qualquer lugar do mundo”.² Por outro lado, sentimos também seus efeitos políticos, com as nações ajustando-se em termos de relações internacionais ao novo horizonte.

1 GUATTARI, *O Capitalismo Mundial Integrado e a Revolução Molecular*, relatório de palestra proferida em seminário do CINEL (Centre d’Initiative pour de Nouveaux Espaces de Liberté) em 1980, in: *A Revolução Molecular*, p. 191.

2 DOWBOR, Ladislau. Os Novos Espaços do Conhecimento. *Revista do COGEIME*, ano 4, n. 7, 1995, p. 97.

A mundialização do capitalismo foi e é possível graças a um duplo movimento de desterritorialização: da produção, no lado econômico, e do Estado, no lado político. Tal movimento cria a *fábrica móvel*, pois “...é pelo viés da circulação que serão realizadas essas ‘pseudomercadorias’ que são apenas indiretamente produtos do trabalho (se as condições sociais da produção se encontram sob a dominação da organização da informação, o processo de trabalho é apenas um simples elemento do processo de valorização)” e o *Estado móvel*: “... não mais aquele que concebe e defende um espaço nacional original de valorização, mas que promove uma participação ampliada no espaço transnacional de valorização. Da mecânica contratual à termodinâmica do reequilíbrio longe do equilíbrio...”³

A fórmula moderna do Estado-nação está desgastada e anacrônica. Mas obviamente não se trata de uma dissolução do Estado, embora os economistas neoliberais defendam a tese do “Estado mínimo”; por menor que seja, algum Estado, alguma forma de regulação e controle é necessária. A mundialização das relações econômicas impõe, portanto, uma questão política: como se faz a regulação deste imenso mercado?

A existência de um grande mercado implica uma regulação central – por mais suave que seja – que lhe é absolutamente necessária. O ‘controle remoto’ da produção a partir de um mercado que prolifera é complementar às intervenções e às arbitragens dos Estados territorializados, sem os quais o sistema iria de encontro aos seus próprios limites. Ele se revelaria, por exemplo, incapaz de produzir equipamentos de base (equipamentos de infra-estrutura, serviços públicos, equipamentos coletivos, equipamentos militares, etc.).⁴

É essa regulação de um mercado apenas aparentemente anárquico o elemento político central do fenômeno da globalização. É ela a “nova ordem mundial” apresentada com alarde quando da derrocada do bloco socialista e finalmente ironizada por Chomsky. Mas se a forma de Estado que conhecemos hoje está em crise, podemos indagar: qual a forma de Estado que melhor se prestaria às funções de regulação do mercado globalizado?

Pistas tão interessantes quanto importantes foram lançadas pelo filósofo e cientista político italiano Antonio Negri num pequeno artigo publicado pela Folha de São Paulo.⁵ Para ele esta forma de Estado seria o Império.

A constituição do Império está se desenvolvendo sob nossos olhos. Uma vez já exaurido o obstáculo soviético ao mercado mundial e consumada a saída do colonialismo, de fato está em curso em uníssono com a irresistível mundialização das trocas a construção de uma

○

GALLO, Sílvia.
Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru, v. 24, n. 1, p. 91-108, 2003.

3 GUATTARI; ALLIEZ. *O Capital, no fim das contas*. In: *Contra-tempo – ensaios sobre algumas metamorfoses do capital*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. p. 258-259.

4 GUATTARI; ALLIEZ, op. cit., p. 254.

5 *Estados chegam à era do Império*. Folha de São Paulo, suplemento Mais!, 20 de outubro de 1996, p. 5-3.

★
GALLO, Sílvia.
Globalização, conheci-
mento e educação:
questões políticas e epis-
temológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003..

estrutura de regulação destas trocas; uma estrutura centralizada e dotata de poderes soberanos. Como na Antigüidade greco-romana, a idéia do Império, tal e qual nos aparece hoje, antes de representar uma tensão de conquista, é uma tentativa de suspensão da história, de estabilização e ordenamento do estado (mundial) das coisas presentes.

E, como na Antigüidade, o que se põe em ato com este fim, longe de se reduzir a simples dispositivo ideológico, é uma poderosa máquina política – a máquina Império, justamente. Isto é, um novo paradigma de soberania, de sua legitimação e de seu exercício, em escala mundial.⁶

Compreende-se, assim, a razão dos ideólogos de plantão correm a anunciar o “fim da história”: o mecanismo político da globalização implica exatamente em buscar interromper o fluxo das mudanças, das transformações, eternizando o presente. Globalizar é tornar única uma ordem político-social, um modelo administrativo. Se entendemos por democracia a convivência das diferenças, fica claro que o Império que se desenha não é nada democrático.

A questão da centralização política subjacente ao Império, que propagandeia uma democratização sem limites, com o livre acesso de todos ao universo do consumo, levando ao extremo a noção do cidadão como o *consumidor*, mas que esconde por detrás de si uma imensa massa de excluídos desta dinâmica de mercado, exercendo um *forte* controle, foi flagrada com muita propriedade pelo grupo pop Titãs, na música Disneylândia,⁷ cuja letra tomo a liberdade de reproduzir aqui.

*Filho de imigrantes russos casado na Argentina
com uma pintora judia, casou-se pela segunda
vez com uma princesa africana no México.
Música hindu contrabandeada por ciganos
poloneses faz sucesso no interior da Bolívia.
Zebras africanas e cangurus australianos no
zoológico de Londres.
Múmias egípcias e artefatos incas no museu de
Nova Iorque.
Lanternas japonesas e chicletes americanos nos
bazares coreanos de São Paulo.
Imagens de um vulcão nas Filipinas passam na
rede de televisão de Moçambique.
Armênios naturalizados no Chile procuram
familiares na Etiópia.
Casas pré-fabricadas canadenses feitas com
madeira colombiana.*

6 NEGRI, op. cit.

7 Gravada no CD *Titanomaquia*,
produzido pela Warner Music do
Brasil em 1993.

Multinacionais japonesas instalam empresas em Hong-Kong e produzem com matéria prima brasileira para competir no mercado americano.
Literatura grega adaptada para crianças chinesas da comunidade européia.
Relógios suíços falsificados no Paraguay vendidos por camelôs no bairro mexicano de Los Angeles.
Turista francesa fotografada semi-nua com o namorado árabe na baixada fluminense.
Filmes italianos dublados em inglês com legendas em espanhol nos cinemas da Turquia.
Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses na Nova Guiné.
Gasolina árabe alimenta automóveis americanos na África do Sul.
Pizza italiana alimenta italianos na Itália.
Crianças iraquianas fugidas da guerra não obtêm visto no consulado americano do Egito para entrarem na Disneylândia.

Esse decantado novo mundo é uma Disneylândia, um mundo de sonhos e prazeres, um mundo sem fronteiras. Sem fronteiras para a produção (*Multinacionais japonesas instalam empresas em Hong-Kong e produzem com matéria prima brasileira para competir no mercado americano...*); sem fronteiras para o consumo (*Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses na Nova Guiné, Lanternas japonesas e chicletes americanos nos bazares coreanos de São Paulo...*); sem fronteiras para a informação (*Imagens de um vulcão nas Filipinas passam na rede de televisão de Moçambique, Armênios naturalizados no Chile procuram familiares na Etiópia...*); sem fronteiras para o lazer (*Turista francesa fotografada semi-nua com o namorado árabe na baixada fluminense, Filmes italianos dublados em inglês com legendas em espanhol nos cinemas da Turquia...*). Mas, ainda assim, um mundo com fronteiras, um mundo centralizado, onde alguém julga e alguém toma decisões: *Crianças iraquianas fugidas da guerra não obtêm visto no consulado americano do Egito para entrarem na Disneylândia.*

A constituição do Império visa à instauração de uma “nova ordem mundial”, embora Chomsky já venha a algum tempo alertando que ela não passa da mesma “velha ordem”, e Caetano Veloso já tenha cantado que “alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial”.⁸ Frente a este quadro assombroso e devastador, devemos simplesmente cruzar os braços e aceitar o destino?

○
GALLO, Sílvio.
Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru, v. 24, n. 1, p. 91-108, 2003.

⁸ Gravada no CD *Circuladô*, produzido pela Polygram em 1991.

★
GALLO, Sílvia.
Globalização, conheci-
mento e educação:
questões políticas e epis-
temológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003..

Nós, os cidadãos das velhas e novas democracias, de Estados-nações mais ou menos consolidados, podemos desejar que o processo imperial se aperfeiçoe, ou então temos que considerar que este representa uma nova, fortíssima, forma de opressão e o irrisível fechamento de todo o processo de transformação democrática das formas políticas existentes?

Eu não sei dar uma resposta definitiva a estas questões. Parece-me lícito pensar, no entanto, que o processo imperial está tão adiantado que lhe fazer oposição pode parecer vão. Ademais, como velho comunista, continuo pensando que a libertação da humanidade (da exploração) só pode se dar em território mundial, e que a internacional dos trabalhadores desejou fortemente, por meio de suas lutas, uma irmanação mundial dos oprimidos.

(...) Além disso, como cidadão cosmopolita, parece-me que somente na mobilidade e na mestiçagem, na desterritorialização e na hibridação, o homem livre possa hoje produzir, enriquecer espiritualmente – enfim, viver.⁹

Como fazer diante de tal sistema? Como decidir interferir no processo para que o Império possa ser, como apontou Negri, um vetor de emancipação, de democratização, e não de uma nova opressão?

Penso que uma vez mais temos pistas interessantes na obra de Guattari. Para ele, as transformações só podem acontecer através das singularizações, da constituição de indivíduos autônomos e criativos, que ousem produzir novas formas de vida, novas possibilidades, uma heterogênese do mundo. A articulação destas singularidades potencializaria uma revolução molecular, um processo lento, microsocial de criação de novos panoramas.

Esta é a tendência que Guattari percebia desenvolvendo-se sorrateiramente nas entranhas do Capitalismo Mundial Integrado:

De agora em diante, um outro tipo de sociedade está sendo gerado, através dos modos de sensibilidade, relações sociais, relações de trabalho, na cidade, no ambiente, na cultura, no seio do inconsciente social. À medida que se sentir ultrapassado por essas ondas de transformações, cuja natureza e contornos lhes escapam, o CMI enrijecerá. Parece ser esse o sentido do terrível recrudescimento reacionário que se faz sentir atualmente em Paris, Roma, Londres, Nova Iorque, Tóquio, Moscou, etc. Mas as centenas de milhões de jovens que se defrontam com o absurdo deste sistema, em toda a superfície do planeta, constituem igualmente uma onda portadora de um outro futuro. Os neoliberais de toda espécie se iludem se crêem verdadeiramente que as coisas se arranjarão por si só no melhor dos mundos capitalistas. Pode-se racionalmente conjecturar que as mais diversas provas de força revolucionária irão se desenvolver nos próximos decênios. Cabe a cada um de nós apreciar em que me-

9 NEGRI, op. cit.

dida – por menor que seja – podemos contribuir para a criação de máquinas revolucionárias políticas, teóricas, libidinais, estéticas, capazes de acelerar a cristalização de um modo de organização social menos absurdo do que o atual.¹⁰

2. Globalização como epistemologia: informatização

Nosso mundo, quer isso nos agrade ou não, foi marcado de forma indelével pela aceleração absoluta dos fluxos de informação. O século vinte viu nascer uma nova ciência, a *informática*, ciência da informação. Com a invenção dos computadores, estas máquinas que atravessam nosso cotidiano da forma mais insuspeita, nosso mundo alterou-se e continua se alterando com uma velocidade antes inimaginada. Num certo sentido, a globalização só tornou-se possível quando a informática possibilitou a interligação dos computadores em rede no mundo todo. O *mercado global* só pôde ser uma realidade quando a *aldeia global* já não era pura ficção. Apenas quando os espaços físicos dissolvem-se na virtualização através das redes, quando as velocidades na comunicação são quase absolutas, independentemente de onde se encontram as pessoas, é que o mundo pôde tornar-se um só.

A globalização exhibe uma faceta epistemológica, portanto: o advento da informática e a multiplicação e aceleração das informações causam um impacto sobre a cultura e o conhecimento. Também aqui – e talvez mais aqui do que em qualquer outro lugar – nosso mundo já não é o mesmo...

Paul Virilio chamou a informática de “a arte do motor”, pois ela consiste em acelerar continuamente os fluxos informacionais e as transformações decorrentes desta primeira aceleração. O pensador francês percebeu bem o perigo deste bombardeio de informações:

Efetivamente, desde que o advento limitado da revolução dos transportes dá lugar ao advento generalizado da revolução das transmissões instantâneas, a teoria da informação – A INFORMÁTICA – suplanta a física, digo, a astrofísica! A fusão está feita e a confusão é total: A INFORMAÇÃO é o único ‘relevô’ da realidade, seu único ‘volume’. Na era da numerização da imagem e do som, deve-se até mesmo dizer sua ‘alta definição’. Com a energia em potência e a energia no ato, dispomos agora de uma terceira forma energética: a energia em informação. Em seguida às três fases do deslocamento – a partida, a viagem, a chegada – e depois do declínio da ‘viagem’, é iminente a perda da ‘partida’. A partir daí tudo chega sem que seja necessário partir, mas o que ‘chega’ não é mais a etapa ou objetivo da

○
GALLO, Sílvio.
Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003.

10 GUATTARI, op. cit.,
p. 224-225.

★
GALLO, Sílvia.
Globalização, conhecimento e educação:
questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003..

viagem, é somente informação, a informação-mundo, digo, a informação-universo! O reino da chegada, generalizada se confunde então com a generalização da informação em tempo real, tudo se precipita sobre o homem, um homem-alvo atacado de todos os lados e cuja salvação só pode estar na ilusão, a fuga diante das realidades do momento, perda do livre-arbítrio cuja ocorrência Pascal evocava quando escreveu: ‘Nossos sentidos não percebem nada de extremo. Barulho demais nos ensurdece. Luz demais nos ofusca. As quantidades extremas nos são inimigas. Não sentimos mais, sofremos.’¹¹

Poderíamos acrescentar às observações de Pascal lembradas por Virilio: informação demais nos emburrece. Frente a este jorro ininterrupto e acelerado de informações, muitas vezes não sabemos o que fazer com elas. Esquecemo-nos que informações devem ser instrumentos, matéria de construção de conhecimento, de elaboração de idéias, conceitos, opiniões. Nossas escolas parecem que há muito se esqueceram disso, bombardeando crianças e adolescentes com informações e mais informações, que precisam ser assimiladas e guardadas no recipiente da memória para quando forem solicitadas – na prova bimestral, no vestibular etc. Mas o fato é que a maior parte dessa informação se perde, pois não adquire uma significância subjetiva, pois não se torna um instrumento nas mãos da pessoa.

Mas, se tomamos a informática e seus equipamentos como ferramenta, a equação pode ser modificada. Neste mundo informatizado, uma escola que seja meramente um local de acesso a informações, e que cobra de seus alunos sua assimilação na forma da “decoreba”, está fadada a desaparecer. Temos acesso a muito mais informação, de forma mais rápida e muito mais agradável e prazerosa, frente a um microcomputador multimídia, com uma boa enciclopédia em CD-ROM, ou mesmo navegando pelas páginas da Web. A escola precisa tornar-se algo mais, um espaço de desenvolvimento e aprimoramento de habilidades várias como, por exemplo, a de saber acessar informações via informática e saber o que fazer com elas, a de construir conceitos, a de olhar criticamente a realidade que se vive no cotidiano...

Se de fato a informatização do mundo carrega um potencial de perigo, que poderia levar a extremos o controle¹² sobre a vida dos indivíduos – lembremos, por exemplo, do *1984* de George Orwell – e aumentar a massa de excluídos deste “admirável mundo novo”, onde a informação é a mercadoria de primeira necessidade, como alerta Virilio, também é certo que outros panoramas podem ser vislumbrados. Pierre Lévy vem estudando o impacto que aquilo que ele chama de “tecnologias da inteligência”¹³ causa sobre o homem e

11 VIRILIO. *A Arte do Motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 113-114.

12 Esta parece ser a tendência “natural” do processo de informatização e virtualização em curso. Deleuze anteviu isso num artigo publicado em maio de 1990 no *L'Autre Journal*, sob o título de *Post Scriptum sobre as sociedades de controle*. Demonstra brevemente que as *sociedades disciplinares* estudadas por Foucault estão em crise generalizada e estão sendo substituídas pelas *sociedades de controle*, justamente com o recurso da informatização dos bancos, escolas e demais instituições.

13 Em *As Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*, Lévy discorre sobre os “três tempos do espírito” que marcam a evolução da humanidade e da cultura: a oralidade primária, a escrita e a informática. Cada um deles possui sua própria tecnologia intelectual e exerce um impacto sobre o homem, sua cultura, sua forma de pensar e agir no mundo.

a cultura. De sua perspectiva, é necessário que conheçamos bem o processo das transformações, para que possamos ser sujeitos dele, e não sujeitos a ele.

Mas o mesmo movimento que torna contingente o espaço-tempo ordinário abre novos meios de interação e ritmo das cronologias inéditas(...) Assim que a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo, não se pode mais considerar uma única extensão ou uma cronologia uniforme, mas uma quantidade de tipos de espacialidade e de duração. Cada forma de vida inventa seu mundo (do micróbio à árvore, da abelha ao elefante, da ostra à ave migratória) e, com esse mundo, um espaço e um tempo específicos. O universo cultural, próprio aos humanos, estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e das temporalidades. Por exemplo, cada novo sistema de comunicação e de transporte modifica o sistema das proximidades práticas, isto é, o espaço pertinente para as comunidades humanas. Quando se constrói uma rede ferroviária, é como se aproximássemos fisicamente as cidades ou regiões conectadas pelos trilhos e afastássemos desse grupo as cidades não conectadas. Mas, para os que não andam de trem, as antigas distâncias ainda são válidas. O mesmo se poderia dizer do automóvel, do transporte aéreo, do telefone etc. Cria-se, portanto, uma situação em que vários sistemas de proximidades e vários espaços práticos coexistem.

De maneira análoga, diversos sistemas de registro e de transmissão (tradição oral, escrita, registro audiovisual, redes digitais) constroem ritmos, velocidades ou qualidades de história diferentes. Cada novo agenciamento, cada 'máquina' tecnossocial acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular, a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam, em que as durações se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse."¹⁴

Cabe a nós, portanto, que em vez de ficarmos lamentando o impacto nocivo que a informatização causa em nosso mundo, colocando em crise a educação e a cultura, a política e tudo o mais, debruçemo-nos sobre esta nova realidade, buscando compreender seus nós, suas inter-relações, tentando produzir novas formas de ação, de articulação, de produção de saber, de cultura, de prazer. Cada forma de vida inventa seu mundo: este mundo informatizado e globalizado é invenção nossa, seja por nossas ações seja por nossas omissões. Se o inventamos, devemos também ser capazes de inventar atitudes

○
GALLO, Sílvio.
Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003.

14 LÉVY. *O que é o virtual?*. São Paulo: 34, 1996. p. 22-23.

★
GALLO, Sílvio.
Globalização, conheci-
mento e educação:
questões políticas e epis-
temológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003..

e estratégias que tornem a vida melhor e mais justa. Se simplesmente encostarmos-nos ao muro das lamentações, recitando ladainhas, fatalmente seremos sujeitados pelo “admirável mundo novo”, cada vez mais controlados pelas novas tecnologias e aos poucos estaremos de pés e mãos atados, mais felizes uns, por serem animados consumidores de informações “frescas e brilhantes”, mais entristecidos outros tantos, excluídos das necessidades básicas: saúde, educação, habitação, alimentação e agora, também da informação...

Mas podemos mergulhar nesse novo mundo, tomando a informática como ferramenta, e produzir novas significações para a escola, para a família, para a sociedade, para a educação como um processo de criação e recriação da cultura humana, dos valores que governam nossas vidas. Para isso, porém, será necessário se buscar uma nova forma de se pensar o saber humano. O conhecimento disciplinarizado, compartimentalizado em ciências estanques, cada qual com seu objeto próprio e sem conexão com as demais, já não dá conta de perceber, pensar e compreender este mundo onde pululam *híbridos*,¹⁵ monstregos quase incompreensíveis que misturam conteúdos próprios de várias ciências num único objeto. Da mesma forma, nossa escola está organizada curricularmente em disciplinas que já não dão conta de pensar esta realidade cada vez mais heterogênea e mais híbrida.

As propostas interdisciplinares têm sido tímidas tentativas de buscar uma interlocução, uma inter-relação entre as ciências – disciplinas – clássicas, para tentar dar conta de toda essa heterogeneidade. Temo que seus resultados sejam tão pálidos quanto sua timidez... Mas, assim como a globalização do mercado tende a implodir as fronteiras entre as nações, a informatização do conhecimento tende a implodir as barreiras entre as disciplinas.

Venho afirmando em outros artigos¹⁶ que é necessário se pensar o conhecimento sobre outras bases. Hoje trabalhamos com um paradigma que representa os saberes humanos com a estrutura de uma árvore: um tronco de fundas raízes que vai soltando galhos, ramificando-se. Neste contexto, percebemos os diversos saberes – disciplinas – de forma não integrada. Cada galho, cada ramo é autônomo; se há alguma relação entre a medicina e a matemática, por exemplo, ela só pode ser vislumbrada com um retorno ao tronco central, do qual irradiam-se todas as disciplinas. É impossível pensar-se numa relação, numa interconexão direta entre elas, sem passar pelo tronco. Cada disciplina define seu campo específico, como os animais que demarcam seu território e impedem que qualquer outro o invada. Um matemático que se aventure a emitir opiniões sobre a medicina não será visto senão como um charlatão, e a reci-

15 Bruno Latour chama de híbridos em *Jamais Fomos Modernos* estas realidades que aparecem nos jornais e que misturam diversos campos de saber, sendo inclassificáveis. Por exemplo, a camada de ozônio, que mistura química, geografia, biologia, política...

16 As idéias que tenho desenvolvido a respeito de uma nova perspectiva para a teoria do conhecimento e suas implicações na educação estão expostas em dois textos que apresentei e debati no GT Currículo da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) em 1995 e 1996: *Conhecimento, Transversalidade e Currículo e Saberes, Transversalidade e Poderes*. Este último foi publicado no n. 15 da Revista de Educação do CEAP.

proca também é verdadeira. Mais que isso: as corporações profissionais e científicas defendem seu território da mesma forma que os animais: qualquer um que ouse invadi-lo será atacado, mesmo que o ataque se dê sob as mais estritas regras da “ética científica”.

Neste panorama, é de se imaginar que uma proposta interdisciplinar, seja no campo da pesquisa, seja no campo da educação, encontrará limites muito estreitos. Quando muito teremos profissionais de diferentes áreas debruçando-se sobre o mesmo objeto e produzindo saberes um pouco menos estanques, mas jamais saberes não-disciplinares, novas formas de se perceber a realidade.

Para realizar de fato aquela que parece ser a proposta da interdisciplinaridade – o rompimento com as barreiras entre as disciplinas, é necessário que pensemos o conhecimento através de um outro paradigma. Tenho proposto, na esteira de Deleuze e Guattari, substituir o paradigma arborescente pelo paradigma rizomático. Se pensarmos nos saberes como um *rizoma* – tipo de caule subterrâneo formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas – fica muito mais clara sua interconexão. As raízes, que representariam os saberes, emaranham-se, misturam-se, permitem diferentes inter-relações. Fica mais difícil se “classificar” os conhecimentos, posto que eles não delimitam campos específicos mas, em contrapartida, torna-se possível pensar os híbridos de que falávamos anteriormente, compreendendo-os em sua completude.

Pensar o saber humano como um rizoma permite-nos a prática da *transversalidade*, o navegar aparentemente aleatório entre os vários campos. Nessa nova e caótica cartografia, as disciplinas perdem o sentido, pois o saber é percebido como um todo, um todo que não é uno, mas múltiplo.¹⁷ A transversalidade é a realização de fato daquilo que a interdisciplinaridade apenas propõe: a construção de saberes não-disciplinares, capazes de pensar os híbridos inclassificáveis que pululam em nosso mundo contemporâneo.

Na questão política, se a globalização lança-nos frente à possibilidade de um Império, de uma dominação nunca antes suspeitada, ela também nos possibilita a construção de uma democracia direta, de um cosmopolitismo fundado na solidariedade. Da mesma forma, na questão epistemológica temos um impasse: sucumbir ao bombardeio de informações, perdendo a capacidade da significação, da conceituação, da produção de conhecimentos, tornando-nos autômatos insensíveis, mas muito bem informados; ou aproveitar a maré para criar novas significações, novas possibilidades de saberes e aglutinações antes inimagináveis, pintando com cores mais subjetivas esta paisagem que estamos ajudando a delinear.

○
GALLO, Sílvio.
Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003.

17 Poderia falar aqui numa *visão holística*. Tenho evitado a expressão por tudo que ela carrega de orientalismos, misticismos etc. etc.

3. Globalização e educação: construção da democracia real em um mundo virtual

Para aqueles que se dedicam a pensar as questões da educação, nossos dias são inquietantes e auspiciosos; por um lado, não podemos fugir a questões vitais, encurralados por uma monstruosa esfinge que nos devora impiedosamente se não formos capazes de fazer-lhe frente; por outro, tais questões são desafios estimulantes para quem está sempre aberto ao novo. A globalização exerce muito bem o papel de esfinge. Duas destas grandes questões me proponho a delinear (apenas delinear, e não responder) aqui: as implicações da educação em um mundo informatizado (epistemologia) e as implicações para a educação num mundo globalizado (política).

Começando pela primeira, já esboçada nas páginas anteriores. Se permanecermos no panorama do paradigma arborescente, concebendo o conhecimento com uma estrutura arbórea, continuaremos a ter uma educação redutora, que a cada dia dá menos conta de possibilitar uma visão de mundo consciente, coerente e crítica da realidade que vivemos. As tentativas em torno de uma prática interdisciplinar, apesar de apresentar alguns resultados dignos de aparecer nas páginas de revistas especializadas e até mesmo de jornais, não conseguirá romper com a disciplinarização, mas apenas a reforçará, desgastando-se lentamente. Os professores, formados disciplinarmente, continuarão a ensinar sua disciplina como uma área fechada e específica. Os alunos continuarão a não conseguir fazer a relação entre aquilo que aprendem nas aulas de matemática com aquilo que aprendem nas de história, de geografia etc. A cada nova aula, abrirão a “gavetinha” certa no arquivo de suas cabeças, fechando as outras. Para eles, o conhecimento seguirá sendo uma coisa fragmentada, abstrata e sem relação direta com a realidade que vivenciam em seu cotidiano. E, quando algum “iluminado” conseguir mostrar-lhe essa relação, verá estampadas em suas faces as expressões de espanto e desconfiança.

A aplicação dos recursos da informática numa escola assim pensada e estruturada não irá muito além daquilo que temos visto até agora, com seus tacanhos resultados: apenas uma nova forma de armazenar dados, talvez alguns atrativos a mais em termos audiovisuais em algumas disciplinas, um elemento auxiliar de estudo em casa. Isso para não falar nas tentativas “pedagógicas” de profissionalização da informática, que esconde o fato de que há pouco mercado de trabalho de fato na área, mas que de hoje em diante *toda pessoa* deverá dominar minimamente algumas habilidades informacionais básicas, ou será muito mais difícil sobreviver...

Se adotarmos, entretanto, o paradigma rizomático, poderemos pintar uma nova escola, com possibilidades curriculares insuspeitas. De fato, será possível romper com a segmentação disciplinar, concebendo-se novas formas de acessar e relacionar os diversos saberes produzidos pela humanidade. A “aula” clássica e tradicional perderia um pouco seu sentido, a não ser que o educador em questão fosse ele próprio um exímio representante do “pensamento transversal”, podendo fazer de sua aula algo como uma demonstração de algumas das inúmeras possibilidades de se cartografar os campos de saberes, mostrando aos alunos como operar uma bússola – ou um sextante, para sermos mais românticos – e aventurar-se pelos mundos desconhecidos e desafiadores de tudo aquilo que o ser humano já produziu no universo da cultura.

A adoção de um novo paradigma de conhecimento que possibilitasse uma outra forma de trânsito por seus campos – exatamente a transversalidade – aliado às ferramentas que a informática multimídia oferece-nos hoje, decorreria numa verdadeira revolução pedagógica e educacional. Uma opção filosófica consciente de que a educação é algo mais que simples informação poderia levar a um ensino de acordo com as necessidades do mundo contemporâneo, no qual o aluno seja capaz de rechaçar e aceitar idéias, sabendo discerni-las, seja capaz de inovar, de buscar novas possibilidades e caminhos diferentes para resolver problemas específicos, que possa fazer uso de sua liberdade de pensamento e de decisão.

Uma tal escola teria na informação um instrumento, peças para completar o *puzzle* da representação da realidade, mas que só poderia ser montado com o domínio de diversas habilidades, como raciocínio, crítica, visão de conjunto. A transmissão da informação não seria a finalidade do processo educativo, como nessas escolas que visam preparar a criança e o adolescente para um vestibular e não para a vida, fazendo deles poços de informações desconexas e não significativas.

Saber usar e articular informações: eis umas das habilidades a serem mais valorizadas daqui por diante. Mas, com as tecnologias à disposição, que colocam milhões de informações na palma de nossas mãos, já não faz sentido que crianças passem de quatro a seis horas por dia na escola diante de cadernos e quadros negros assimilando informações. Para que saber, por exemplo, quais os recursos hídricos da bacia do Rio Tocantins?¹⁸ Se num determinado momento essa informação me for indispensável para a realização de uma atividade qualquer, poderei acessá-la em minutos, através de um CD-ROM ou da Internet. A escola contemporânea deve ser um espaço – apenas um deles, pois o conhecimento hoje ocupa espaços cada vez mais diversos – onde se aprenda a lidar criticamente com informações e a pro-

○
GALLO, Sílvio.
Globalização, conhecimento e educação:
questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003.

18 Uso aqui o exemplo concreto de uma questão dirigida em 1996 a uma criança de 12 anos cursando a 5ª série do primeiro grau numa escola particular bem conceituada

★
GALLO, Sílvia.
Globalização, conheci-
mento e educação:
questões políticas e epis-
temológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003..

duzir conceitos e conhecimentos singulares, criativos e significativos. Eis o significado da escola num mundo informatizado e globalizado.

Passemos à segunda questão, a política. Desde a época gloriosa das Revoluções Burguesas que marcaram o advento da modernidade, que a educação é pensada como um dos mecanismos para se formar o cidadão. Tratava-se, naquele momento, de transformar o súdito em cidadão, como muitos estudos já bem demonstraram. Patrícia Canivez lembra que “a cidadania define a pertença a um Estado. Ela dá ao indivíduo um *status* jurídico, ao qual se ligam direitos e deveres particulares”.¹⁹ Ora, se ser cidadão é pertencer a um Estado, cada forma de Estado definirá uma diferente cidadania. O que marcou a modernidade foi a cidadania ligada ao Estado-nação, a forma de Estado dominante neste período histórico. Educar para a cidadania, como argumentaram os filósofos liberais – tendo em Rousseau talvez seu principal porta-voz – significava criar e fortalecer uma identidade nacional. Daí os planos de um currículo nacional mínimo, o ensino da língua-pátria como um dos eixos deste currículo, o ensino das tradições, história e folclore daquele povo.

Mas, como já vimos, o Estado-nação está em crise, e dela não sairá ileso. Em tempos de globalização, como pensar o cidadão do mundo, o cosmopolita já anunciado por Kant? Seria ele o cidadão-consumidor anunciado pelo mercado global? Ou o cidadão-espectador, anunciado pela aldeia global? Há a possibilidade de pensarmos um cidadão pleno, o verdadeiro “cidadão do mundo”?

Lembrando as reflexões de Negri, vivemos a constituição de um Império; a questão da cidadania contemporânea, portanto, está ante à possibilidade iminente de uma nova redução ao súdito, levando os indivíduos à submissão a um Império despótico, onipresente e onisciente, detentor do poder de controle de tudo e de todos através dos mecanismos de comunicação e informação. Como já vimos, este despotismo poderá ser recoberto por véu de democratização, ao dar a ilusão a todos de poder consumir sem limites. Mas o mesmo Negri aponta que os projetos modernos de emancipação da humanidade sempre apelaram para a internacionalização;²⁰ o processo de globalização e a constituição do Império colocariam, portanto, a possibilidade concreta de uma luta pela emancipação em território mundial.

A questão para Negri está bem delineada: “o problema então não é tanto o de resistir ao Império quanto o de decidir, subjetivamente e em termos coletivos, que Império queremos.”²¹ Se optamos por um Império que não seja o da submissão e controle, mas o da construção da autonomia na singularidade, da solidariedade na liberdade, uma nova cidadania, cosmopolita, abrangente e participativa é necessária. Assim como nos princípios da era moderna a edu-

19 CANIVEZ. *Educar o Cidadão?*. Campinas: Papirus, 1991. p. 15.

20 Lembremos do célebre lema do *Manifesto Comunista*: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”.

cação foi um dos principais elementos constituintes da cidadania, contemporaneamente ela também poderia desempenhar um papel fundamental nesse processo.

Com toda a dose de utopia de que podem me acusar, o fato é que dispomos hoje tecnologicamente de possibilidades concretas de se instituir uma democracia real, participativa e dinâmica como nunca antes houve, nem mesmo na praça de Atenas, e em termos mundiais. Quando as fronteiras caem e as nações desaparecem, o mundo se virtualiza e a democracia pode tornar-se real. A opção pela democracia significa a negação da exclusão, enquanto a opção por um Império despótico seria levar a exclusão a patamares inimagináveis. Sei que se poderia objetar que há no mundo bilhões de famintos e miseráveis, que não teriam acesso nem possibilidade de participação num mundo democratizado. Mas, talvez, a opção por essa democracia mundial possa ser o primeiro passo para se levar a essas pessoas nos mais diversos guetos, nas ruas de Nova Iorque, nas ruas de Bangladesh, nas favelas brasileiras, nas savanas africanas, um pouco de educação, de informação, de direitos políticos que redundariam em novos agenciamentos subjetivos e coletivos para a construção de alternativas em habitação, alimentação etc.

Não quero prolongar-me mais sobre essas questões, pois não tenho aqui, como já disse, a pretensão de respondê-las; mais que isso, procuro parceiros para a construção de “coletivos pensantes”, no dizer de Lévy, que busquem alternativas e novas idéias. Faço minhas as palavras do jovem filósofo francês:

Proponho, juntamente com outros, aproveitar esse momento raro em que se anuncia uma cultura nova para orientar deliberadamente a evolução em curso. Raciocinar em termos de impacto é condenar-se a padecer. De novo, a técnica propõe, mas o homem dispõe(...) A alternativa é simples. Ou o ciberespaço reproduzirá o midiático, o espetacular, o consumo de informação mercantil e a exclusão numa escala ainda mais gigantesca que hoje. Esta é, grosso modo, a tendência natural das ‘supervias da informação’ ou da ‘televisão interativa’. Ou acompanhamos as tendências mais positivas da evolução em curso e criamos um projeto de civilização centrado sobre os coletivos inteligentes: recriação do vínculo social mediante trocas de saber, reconhecimento, escuta e valorização das singularidades, democracia mais direta, mais participativa, enriquecimento das vidas individuais, invenção de formas de cooperação abertas para resolver os problemas que a humanidade deve enfrentar, disposição das infra-estruturas informáticas e culturais da inteligência coletiva.²²

○
GALLO, Sílvio.
Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru,
v. 24, n. 1, p. 91-108,
2003.

21 NEGRI, op. cit.

22 LÉVY, op. cit., p.117-118.

A globalização está em curso, a informatização é uma realidade. A tendência “natural” da globalização é a constituição de um Império despótico e excludente; a tendência “natural” da informatização e virtualização é a mercantilização absoluta da informação, como podemos perceber nas propostas de TV interativa, *pay-per-view*, e no imenso mercado virtual em que está se tornando a Internet, originariamente uma rede de pesquisadores. Podemos nos acomodar a esta situação, ficando a mercê dos grandes grupos que sempre tomaram as decisões, uma vez mais. Mas também podemos singularizar, produzir novas singularidades, naquilo que Guattari chamou de uma “revolução molecular”. A escolha cabe a cada um.

Abstract

In the last years, the problem of globalization has been quite studied, in various aspects. The purpose of this article is to approach this issue in the extent of politics and of epistemology, showing that it is a phenomenon that is far away from being recent. In the political aspect, it is been worth of concepts like Integrated World Capitalism, by Félix Guattari, and Empire, created by Antonio Negri. In the epistemological aspect, are used the analyses of informational issues and their social impacts done, in different directions, by Paul Virilio and by Pierre Lévy, besides the concepts of rhizome and of transversality, by Deleuze and Guattari. Concluding, it approaches implications of political and epistemological subjects of globalization for the universe of education. In this field, we came across the perspective of an unprecedented totalitarianism, using technological resources and transnational flows, or then of an effective democratization, with the promotion of molecular revolutions that make use of these same flows and technological resources.

Key words: globalization; education; informatics; politics; epistemology.

Referências Bibliográficas

- ALLIEZ, Éric et al. *Contratempo - ensaios sobre algumas metamorfoses do capital*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- BOCHNIAK, Regina. *Questionar o Conhecimento: interdisciplinaridade na escola... e fora dela*. São Paulo: Loyola, 1992.

CANIVEZ, Patrice. *Educar o Cidadão?* Campinas: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____.; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Capitalisme et Schizophrénie: mille plateaux*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DOWBOR, Ladislau. Os Novos Espaços do Conhecimento. *Revista do COGEI-ME*, ano 4, n. 7, p. 95-111, 1995.

FAZENDA, Ivani C. A. *Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

_____. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994.

GALLO, Sílvio. Educação e Interdisciplinaridade; *Revista de Educação*, n. 1. Campinas: SINPRO, 1994.

_____. *Conhecimento, Transversalidade e Currículo*. Trabalho apresentado na 18ª Reunião Anual da ANPEd, mimeo, 1995.

_____. *Educação Anarquista: um paradigma para hoje*. Piracicaba: Unimep, 1995.

_____. Saberes, Transversalidade e Poderes. *Revista de Educação do CEAP*, ano 4, n. 15, p. 05-18, 1996. (Trabalho apresentado na 19ª Reunião anual da ANPEd).

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *O Inconsciente Maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Campinas: Papirus, 1988.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: 34, 1992.

GUATTARI, Félix ; NEGRI, Toni. *Les Nouveaux Espaces de Liberté*. Paris: Dominique Bedou, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre; AUTIER, Michel. *As árvores de conhecimentos*. São Paulo: Escuta, 1995.

LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Rio de Janeiro: 34, 1996.

VIRILIO, Paul. *A Arte do Motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: 34, 1993.

○
 GALLO, Sílvio.
 Globalização, conhecimento e educação:
 questões políticas e epistemológicas.
Mimesis, Bauru,
 v. 24, n. 1, p. 91-108,
 2003.